

INTERFACES EM MOVIMENTO: DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS ENTRE EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE

**INTERFACES IN MOTION: CONTEMPORARY DIALOGUES BETWEEN EDUCATION
AND PSYCHOANALYSIS**

Maria Valonia da Silva Xavier

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Fortaleza. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6675-6044>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3053579752188944>

E-mail: valonixavier@gmail.com

Helena Perpétua de Aguiar Ferreira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3901-6918>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8572245870789237>

Tathiane Rodrigues Lima

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Fortaleza. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5860-5757>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4971331276309809>

Leônia Cavalcante Teixeira

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4997-5349>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0037242106948921>

Leonardo José Barreira Danziato

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8870-9123>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0173039569237058>

RESUMO

O presente artigo discute as interfaces entre educação e psicanálise. A pesquisa, de caráter narrativo, deseja ampliar as discussões entre esses campos de conhecimento e fundamentar práticas que considerem a subjetividade em seu processo de aprendizagem. O estudo revisita contribuições de Freud e de psicanalistas contemporâneos como Kupfer, Voltolini e Mannoni, que apontam o impossível de educar não como inviabilidade da educação, mas uma marca estrutural de toda prática formativa. Ao analisar produções recentes, evidencia-se que o diálogo entre os dois campos permite deslocar a educação de um modelo técnico e normativo para uma perspectiva que valoriza o desejo, a singularidade e a imprevisibilidade do encontro educativo. Metodologicamente, este estudo se configura como uma revisão narrativa, fundamentada na análise de obras de autores de destaque na interface entre a educação e psicanálise, em diálogo com os diferentes estudos e produções publicados nos últimos cinco anos. A psicanálise não

propõe uma pedagogia própria, mas oferece um aporte ético e crítico que questiona processos de medicalização, padronização e culpabilização do aluno, defendendo uma prática sensível e humanizadora. Conclui-se que o diálogo entre psicanálise e educação amplia o horizonte de compreensão sobre o ensinar e aprender, pois favorece práticas escolares abertas ao imprevisto e ao sujeito em sua singularidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Aprendizagem. Singularidade.

ABSTRACT

The present article discusses the interfaces between education and psychoanalysis. The research, of a narrative nature, aims to broaden discussions between these fields of knowledge, seeking to ground practices that take subjectivity into account in the learning process. The study revisits contributions from Freud and contemporary psychoanalysts such as Kupfer, Voltolini, and Mannoni, who point out the impossibility of educating not as the infeasibility of education, but as a structural mark of every formative practice. By analyzing recent productions, it becomes evident that the dialogue between the two fields allows education to move away from a technical and normative model toward a perspective that values desire, singularity, and the unpredictability of the educational encounter. Methodologically, this study takes the form of a narrative literature review, based on the analysis of works by leading authors at the interface between education and psychoanalysis, in dialogue with different studies and productions published over the past five years. In this sense, psychoanalysis does not propose its own pedagogy, but rather offers an ethical and critical framework that questions processes of medicalization, standardization, and student blaming, advocating for a sensitive and humanizing practice. It is concluded that the dialogue between psychoanalysis and education broadens the horizon of understanding about teaching and learning, fostering school practices open to the unforeseen and to the subject in their singularity.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Learning. Singularity.

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS

O presente artigo é fruto das reflexões construídas no âmbito do Grupo de Estudos Educação e Psicanálise, coordenado pelos autores e vinculado ao Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade – LAEPCUS do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). As discussões desenvolvidas nesse espaço têm se constituído como um terreno fértil para o diálogo entre a psicanálise e a educação, favorecendo a produção de questionamentos e a elaboração de novos posicionamentos teóricos. A partir da leitura de textos fundamentais e da interlocução com diferentes autores contemporâneos, emergiram inquietações que atravessam tanto o campo da prática pedagógica quanto os debates acadêmicos atuais. Este trabalho sistematiza parte das reflexões suscitadas no grupo, busca articular as contribuições da psicanálise às problemáticas da educação contemporânea. Ao destacar as tensões, desafios e possibilidades desse encontro entre campos de saber distintos, mas profundamente atravessados pela questão da formação humana, pretendemos ampliar o horizonte de compreensão sobre os limites e as potências do ato educativo.

A relação entre psicanálise e educação tem sido objeto de debates e reflexões, principalmente no que diz respeito às diferenças entre essas áreas, seus papéis específicos e as possíveis contribuições mútuas. Embora se realizem por meio de funções diferentes, compartilham o propósito de contribuir para o desenvolvimento humano. Se, por um lado, a educação tem como foco a transmissão do conhecimento e a formação dos sujeitos para a vida em sociedade, a psicanálise é um saber que interroga o mal-estar na cultura, na civilização, na educação, busca compreender as dimensões inconscientes que atravessam essas experiências e oferece um olhar diferenciado sobre as dificuldades escolares, os desafios pedagógicos e o lugar do desejo no ato de aprender. Apostamos que o laço entre a educação e a psicanálise se revela fundamental para pensar o ensino na atualidade, pois nos permite deslocar a compreensão de práticas educativas ao ato educativo, isto é, de um campo sistêmico, técnico ou normativo para um espaço atravessado pelo desejo, pelo inconsciente e pela singularidade do sujeito.

A educação, em sentido amplo, tem como missão transmitir às novas gerações os conhecimentos, saberes e experiências acumuladas pela humanidade, de modo que não seja necessário “reinventar a roda” a cada ciclo histórico (Saviani, 2010). Trata-se de um processo de mediação entre passado, presente e futuro, que assegura que a herança cultural, científica e simbólica construída coletivamente não se perca, mas se transforme em base para a constituição de novas civilizações e culturas. Nesse movimento, a educação não se restringe à dimensão técnica ou instrucional, mas também atua como um mecanismo de transmissão de valores, crenças e modos de habitar o mundo. Sem a educação, vista como a transmissão ativa dos progressos da cultura humana às novas gerações, o movimento histórico seria impossível (Leontiev, 1980). A educação é a mediação entre indivíduo e gênero em constante construção, ela é necessidade social do indivíduo (Maceno, 2011).

Ao refletir sobre o lugar de cada área do conhecimento no que se refere ao papel da educação e da formação estrutural do sujeito, Freud (1996) afirmou que educar, assim como governar e psicanalizar, estão entre as chamadas “tarefas impossíveis”. Tal afirmação, longe de significar a inviabilidade da ação educativa, aponta para os limites estruturais que envolvem a prática que lida com o sujeito humano. Isso porque, tanto na educação quanto na psicanálise, não há garantias absolutas de êxito ou resultados previamente determinados: o que está em jogo é sempre o singular de cada sujeito. No campo da educação, lida-se com o sujeito do consciente e social, que visa o processo de desenvolvimento e um ideal de sujeito, realiza-se um trabalho sistêmico e coletivo. No que se refere ao campo da psicanálise, esta trabalha com o sujeito do inconsciente de forma individual e singular.

Nos albores da psicanálise, alguns educadores mais progressistas tinham o desejo de que surgisse a partir daí uma nova pedagogia que fosse mais compreensiva e libertária, no entanto, acreditava-se que a educação deveria ensinar a dominar os instintos e, para isso, precisava inibir, proibir e reprimir. Com o aprofundamento dos estudos da pesquisa psicanalítica, percebeu-se que as angústias e frustrações são inevitáveis. A questão seria como encontrar o equilíbrio entre proibição e permissão (Souza, 1992).

Na busca por compreender a temática na contemporaneidade, partiu-se da seguinte questão: em que medida a educação e a psicanálise, tradicionalmente tratadas como campos distintos, podem estabelecer um diálogo em favor de pensar o processo educativo a partir da subjetividade em seus processos de aprendizagem? Dessa forma, o presente ensaio se propõe a discutir as interfaces entre a educação e a psicanálise, destacando aproximações e tensões que emergem desse diálogo. Busca-se, assim, analisar em que medida a escuta do sujeito e a consideração da dimensão inconsciente podem enriquecer a compreensão do processo educativo, sem perder de vista os limites teóricos e metodológicos que demarcam cada campo. A intenção é, portanto, contribuir para o debate contemporâneo acerca da formação docente e o lugar da subjetividade na educação, apontando possibilidades de convergência que possam iluminar práticas pedagógicas sensíveis e humanizadoras.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Metodologicamente, este estudo se configura como uma revisão narrativa da literatura, cujo propósito é contribuir para o debate ao sintetizar o conhecimento produzido e levantar novos questionamentos (Rother, 2007), a fim de ampliar as discussões entre psicanálise e educação e fundamentar práticas que considerem a subjetividade em seus processos de aprendizagem.

A presente investigação fundamenta-se em aportes teóricos oriundos da literatura especializada, contemplando livros e artigos de referência no campo da psicanálise e da educação, com destaque para Freud (1996), Pereira (2012), Kupfer (1992; 2013), Voltolini (2011), Saviani (2010), Nascimento e Batista (2023) entre outros. O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados reconhecidas no meio acadêmico, a saber: Portal de Periódicos da CAPES, Scientific Electronic Library Online (SciELO), EBSCO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Scholar. Foram contempladas produções em língua portuguesa publicadas nos últimos cinco anos. A busca, realizada no mês de agosto de 2025, utilizou como descritores as palavras-chave ‘psicanálise’, ‘educação’ e ‘subjetividade’. Como critérios de

inclusão, foram selecionados trabalhos produzidos por pesquisadores brasileiros que considerassem as especificidades da realidade educacional do país. Como critério de exclusão, descartaram-se trabalhos em formato de resenhas, notas de leitura, entrevistas ou editoriais, por não configurarem pesquisa original e estudos que não estabeleciam relação direta entre psicanálise e educação.

O recorte estabelecido privilegiou produções brasileiras publicadas nos últimos cinco anos. Tal escolha fundamenta-se na necessidade de garantir a atualização da discussão, de modo a contemplar abordagens teóricas e metodológicas mais recentes, em sintonia com os desafios contemporâneos da educação. Além disso, a delimitação ao contexto nacional busca valorizar e evidenciar a produção acadêmica brasileira, reconhecer que as especificidades históricas, sociais, culturais e políticas do país demandam análises situadas e não meramente importadas de realidades estrangeiras. Essa definição metodológica encontra respaldo em Gil (2019), ao destacar que a delimitação temporal e geográfica constitui um critério fundamental para assegurar a relevância, a pertinência e a coerência interna de uma pesquisa. Assim, ao adotar esse critério, a investigação mantém a atualidade de suas reflexões e contribui para a consolidação e circulação do conhecimento produzido no Brasil em torno da interface entre Psicanálise e Educação.

A pesquisa inicial resultou em 20 trabalhos, sendo 19 artigos e 1 tese, dos quais passaram por uma análise preliminar. Desses, 5 foram excluídos por não apresentarem discussões sobre a articulação entre psicanálise e educação. Os 15 estudos selecionados foram integralmente lidos e submetidos a análises e discussões críticas, possibilitando a problematização das interfaces entre os campos da educação e da psicanálise, bem como a identificação de tendências, desafios e contribuições teóricas que emergem dessa interlocução.

Ressalte-se que, para além da leitura e discussão dos artigos selecionados nas bases de dados, também foram considerados, como aporte fundamental à análise desenvolvida, escritos de autores clássicos que se debruçaram sobre a temática em questão. A inclusão dessas obras de referência possibilitou estabelecer um diálogo entre produções contemporâneas e fundamentos teóricos já consolidados, no sentido de favorecer uma compreensão mais abrangente e consistente acerca das interfaces entre educação e psicanálise.

3. EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

O diálogo entre a psicanálise e educação pode ser percebido por tensões conceituais e metodológicas, as quais possibilitam o desenvolvimento de produções de contribuição mútua.

Desde Freud (1996), observa-se uma posição crítica em relação à aplicação direta da psicanálise à prática pedagógica. No entanto, diversos autores contemporâneos como Kupfer (1992; 2013) e Voltolini (2011), entre outros, debruçam-se sobre a escuta do sujeito na escola, e tem contribuído com reflexões sobre a educação, a partir do inconsciente. Desse modo, esta seção propõe discutir aspectos de convergência e os limites entre esses dois campos, com base em contribuições teóricas clássicas e atuais, analisando seus efeitos sobre a prática pedagógica.

A relação entre psicanálise e educação remonta aos primórdios do pensamento psicanalítico, com as primeiras reflexões de Freud sobre os processos de constituição psíquica do sujeito e os desafios impostos pelo ambiente educacional. Conforme Kupfer (1992), da obra vasta e completa que Freud produziu durante sua vida, há menos de 200 páginas dedicadas à reflexão sobre a educação, que estão dispersas, postas aqui e ali, em textos que versam sobre as mais diferentes questões. Há uma importante frase muito utilizada pelos que pesquisam essa interlocução entre psicanálise e educação que se trata: “educar, ao lado de governar e curar, é uma profissão impossível” (Freud, 1996, p. 162). Essa afirmação dos impossíveis deriva do fato de que há entre eles um ponto de falha estrutural, algo que escapa ao domínio e ao controle do sujeito, ou seja, o inconsciente.

A partir da afirmação: “impossível não é sinônimo de irrealizável” (Kupfer, 1992, p. 59), o impossível de educar não significa a inviabilidade do ensinar alguém ou de uma prática pedagógica, mas aponta para os limites constitutivos da ação educativa. Nenhum método ou técnica pode garantir plenamente o resultado, já que sempre resta uma dimensão inconsciente na relação com o saber. A educação carrega uma dimensão de aposta, na qual o professor sustenta o lugar de transmissão, mas sem a certeza da recepção. O impossível freudiano revela que não há como ter uma educação uniforme e totalitária do sujeito pelo processo educativo, pois o inconsciente insiste e escapa às tentativas de normatização/sistematização.

A organização do ensino ao não considerar a condição do “impossível” no ato educativo, ela faz a opção a modelos idealizados ou normativos, isto é, valoriza a padronização e pouco ou, em alguns casos, não leva em consideração a singularidade dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. A partir de Freud, pensar a escola significa questionar sua tentativa de evitar o confronto com o impossível. Em vez de reconhecer a complexidade dos problemas escolares, a instituição costuma buscar respostas rápidas ou atribuir a culpa individualmente ao aluno. Hoje, o reflexo mais visível desse movimento é o excesso de patologização e medicalização das dificuldades escolares. Para autores como Kupfer (1992), Voltolini (2011) e

Mannoni (1977), admitir o impossível de educar é abrir espaço para reconhecer o sujeito em sua singularidade e não apenas como objeto de adaptação às normas.

Ao apostar no ato educativo, a partir da psicanálise, implica reconhecer que se trata de um processo sempre atravessado pelo sujeito do inconsciente, sustentado por um saber não-todo e pela transmissão da castração. Nesse horizonte, a educação não se reduz a métodos ou prescrições normativas, mas envolve o impossível como condição estruturante: é justamente na falta e no vazio que se inscreve o desejo e a possibilidade de emergência da singularidade do sujeito. Educar, nesse sentido, é assumir a responsabilidade por um ato de fala que convoca a criança/aluno a interrogar o desejo implicado na transmissão dos objetos do mundo (Lajonquière, 2010; 2013; Garbarino, 2020; Garbarino *et al.*, 2023). Tal perspectiva contrasta fortemente com o discurso pedagógico hegemônico contemporâneo, muitas vezes orientado por lógicas científicas e neoliberais, que buscam garantir resultados mensuráveis e padronizados, ao custo de esvaziar a subjetividade de professores e alunos (Lajonquière, 2010; Voltolini, 2011).

É preciso reconhecer que a presença do inconsciente introduz, na relação entre educador e educando, uma dimensão de “impossível” que escapa a qualquer cartilha de procedimentos ou receitas pedagógicas, pois coloca em questão a própria ficção de um contrato que garantiria, linearmente, melhores resultados. Sem compreender essa torção que a psicanálise imprime à equação entre ensino-educação, torna-se difícil apreender, com a devida justeza, a singularidade da relação que a psicanálise estabelece com o campo educativo (Voltolini, 2011).

As contribuições freudianas reconhecem que o processo educativo não se restringe à transmissão de conteúdos, mas está intrinsecamente ligado ao percurso que a criança realiza para lidar com sua sexualidade e se tornar sujeito. A psicanálise lança luz sobre os desafios enfrentados pela “cria humana” em sua travessia até a vida adulta, revelando que o educador, ao ocupar um lugar de autoridade, também pode se tornar um mediador desse caminho (Voltolini, 2011). Ao problematizar tais questões, Freud (1996) abre um horizonte de diálogo entre educação e psicanálise, ao fornecer elementos para pensar práticas pedagógicas menos repressoras e mais comprometidas com o desenvolvimento integral do sujeito.

Além de Freud, outros psicanalistas deram grandes contribuições nesse diálogo entre a educação e a psicanálise. Anna Freud (1976), sua filha, desenvolveu a psicanálise infantil e pensou um espaço para a compreensão das necessidades emocionais da criança no processo educativo. Melanie Klein (1970) aprofundou a leitura das fantasias inconscientes e do papel do

brincar. Donald Winnicott (1975), por sua vez, destacou a importância do ambiente suficientemente bom ao evidenciar que a escola pode funcionar como espaço facilitador para o desenvolvimento. Maud Mannoni (1977) e Françoise Dolto (1999) também articularam a psicanálise à prática educativa; ambas defenderam uma escola que reconheça a singularidade do sujeito e sua posição diante do saber.

O saber psicanalítico sempre esteve às margens das questões educativas e, por esse motivo, é convocado frequentemente para iluminar reflexões acerca das questões pedagógicas e educacionais. No entanto, é importante ressaltar que não existe uma pedagogia psicanalítica, pois é necessário apontar para as especificidades da psicanálise no campo da educação (Kupfer, 1992; Pereira, 2012). Diferentemente da pedagogia, que busca sistematizar métodos, teorias e práticas de ensino, a psicanálise não se propõe a oferecer modelos pedagógicos, nem prescrições normativas para o ato de educar. Ao contrário, sua contribuição se dá justamente pela crítica ao discurso pedagógico quando este se apresenta como um saber absoluto e fechado sobre a educação. A psicanálise problematiza os limites da pedagogia, questiona seus efeitos e aponta para os aspectos subjetivos que não podem ser capturados por um discurso universalizante (Voltolini, 2011).

A tradição freudiana não se coloca em oposição direta à prática pedagógica, mas revela o outro lado de suas formulações: aquilo que escapa ao discurso normativo e técnico. Trata-se de considerar o inconsciente, o desejo e as singularidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo, elementos que, muitas vezes, ficam à margem das reflexões pedagógicas tradicionais. Esse movimento possibilita uma compreensão amplificada da educação, pois introduz a dimensão da falta, do não-saber e do imprevisto, categorias fundamentais na perspectiva psicanalítica (Pereira, 2012).

A posição da psicanálise no campo educativo não é a de propor um novo método ou substituir a pedagogia, mas tensionar seus fundamentos e abrir espaço para a escuta. Ao deslocar a pedagogia de seu lugar de “discurso mestre”, a psicanálise contribui para que a prática educativa seja menos rígida e mais atenta à singularidade do sujeito (Kupfer, 2013). O ‘discurso do mestre’, formulado por Lacan (1992) em seu ‘Seminário 17 - O avesso da psicanálise (1969-1970)’, representa uma estrutura discursiva que organiza a relação de poder e saber. Trata-se de um discurso que evidencia como a autoridade se exerce sobre o sujeito, mantendo-o em posição de obediência e reprodução de um saber já instituído. Longe de se constituir como inimiga da pedagogia, a psicanálise oferece uma interlocução crítica que

enriquece o campo educativo, tornando-o mais sensível às dimensões subjetivas e intersubjetivas do aprender e do ensinar.

O interesse de Freud pela educação decorreu de sua compreensão de que o modelo repressivo vigente em sua época produzia efeitos significativos no desenvolvimento do aparelho psíquico. A questão, para ele, não estava em definir o melhor modo de educar, mas em deslocar a discussão para outro plano: o das condições de possibilidade da própria educação (Voltolini, 2011). Em vez de apresentar modelos normativos, Freud buscou investigar os elementos que compõem o processo educativo em sua complexidade. Nesse sentido, a psicanálise oferece a oportunidade de ampliar a compreensão da educação, permitindo refletir sobre suas dimensões subjetivas e institucionais, conforme a leitura de Pereira (2012).

Pensar no encontro da educação com a psicanálise é um desafio, especialmente levando em conta que o seu pilar é a existência do sujeito do inconsciente, ou seja, a ideia de que não somos senhores em nossas próprias casas, destoa da pedagogia, que trabalha com o sujeito do consciente, com ideias, objetivos, estratégias, planejamentos e resultados (Libâneo, 1991; Vasconcelos, 2012). Aceitar que o inconsciente opera em qualquer atividade humana e que, por ser inconsciente, não pode ser controlado parece ser inconciliável com questões que exijam previsibilidade, estabilidade e ordem: “a realidade do inconsciente nos ensina que não temos controle total sobre o que dizemos e, muito menos sobre os efeitos de nossas palavras sobre nosso ouvinte” (Kupfer, 1992, p. 96). Desse modo, “pela crença de que o inconsciente introduz na atividade humana o imponderável, o imprevisto [...] não há como criar uma metodologia pedagógico-psicanalítica” (Kupfer, 1992, p. 97). Tal impossibilidade não quer dizer que a psicanálise não possa contribuir com a educação, ao contrário, o educador inspirado por ideias psicanalíticas, apostava em atividades mais reflexivas, abertas, dialógicas e criativas: “a psicanálise pode transmitir ao educador uma ética, um modo de ver e entender a prática educativa. É um saber que pode gerar [...] uma filosofia de trabalho” (Kupfer, 1992, p. 97).

A articulação entre educação e psicanálise não se estabelece pela proposição de métodos ou manuais pedagógicos, mas por uma perspectiva ética que recoloca o sujeito no centro do processo educativo. Como apontou Voltolini (2021) em seus estudos, a psicanálise contribui ao evidenciar os limites de qualquer saber totalizante, questionando as pretensões universalistas que frequentemente marcam os discursos oficiais da educação. Sua principal contribuição consiste em considerar cada criança em sua singularidade, recusa reduzi-la a categorias médicas ou pedagógicas fixas e reconhece como um sujeito do desejo e da linguagem. A psicanálise convoca pensar sobre os modelos de normalização presentes na escola

e instaura um espaço de reflexão crítica sobre os impasses constitutivos do ato de educar, pois permite que a escola seja pensada não apenas como dispositivo de socialização, mas também como lugar de hominização e singularização (Voltolini, 2021).

3. TESSITURAS PLURAIS: CONTRIBUIÇÕES RECENTES NA INTERFACE ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

O encontro entre educação e psicanálise tem se ampliado e ganhado novos contornos no Brasil nos últimos anos e impulsionado reflexões contemporâneas sobre escuta, subjetividade e práticas pedagógicas. Em um contexto em que a normatividade educacional muitas vezes se impõe por reducionismo de olhares para os desafios no ensino, práticas educativas fragmentadas e sem sentido, políticas públicas desalinhadas dos interesses dos seus ensinantes e aprendentes, e respostas a não aprendizagem com a emissão de laudos, diagnósticos e, consequentemente, a medicalização dos modos de ser, pesquisadores têm buscado na psicanálise, como lente de leitura do ato educativo, outros caminhos.

Há diferentes contribuições que exploram o diálogo entre educação e psicanálise em múltiplas dimensões a partir de um movimento de tessitura entre autores clássicos e produções contemporâneas. É importante ressaltar que o diálogo entre psicanálise e educação tem se consolidado em múltiplas frentes de investigação, pois reúne aportes que vão da reflexão ética e política às práticas cotidianas no espaço escolar. Esse conjunto de produções, ainda que diversificado em metodologias e enfoques, converge para uma mesma direção: a de reconhecer que educar implica lidar com a singularidade de cada sujeito, com suas resistências e a impossibilidade de reduzir a formação humana a métodos ou prescrições normativas.

Nesse terreno de múltiplas vozes, produções que articulam diferentes referenciais em um diálogo crítico que evidencia tanto convergências quanto tensões, abrem espaço para a elaboração de novas leituras sobre os vínculos entre psicanálise e educação. Com o objetivo de compreender as principais contribuições teóricas na interface entre psicanálise e educação, esta seção apresenta uma análise dos artigos selecionados para compor o corpus da pesquisa. Os estudos foram examinados quanto aos seus objetivos, métodos, abordagens conceituais e ênfases temáticas, permitindo identificar recorrências e singularidades na produção científica contemporânea.

Os estudos recentes acerca da temática apontam que a relação entre educação-ensino e psicanálise exige considerar a subjetividade e a ética como eixos fundamentais, sobretudo diante dos desafios impostos pelo contexto neoliberal, no qual a lógica produtivista tende a

reduzir o sujeito a números e resultados (Santos-Filho; Cossetin, 2024). Por sua vez, Batista (1999) argumenta que a hermenêutica psicanalítica pode ampliar o horizonte da reflexão educacional ao deslocar o foco de uma leitura meramente psicologizante dos problemas escolares para a compreensão de seus atravessamentos sociais e políticos, muitas vezes silenciados no discurso pedagógico. Padilha (2025) contribui ao aproximar a psicanálise das discussões sobre educação sexual, defende uma abordagem crítica e emancipadora que possa romper com visões moralistas ou biologizantes, reconhecendo o papel do desejo e da singularidade no processo formativo.

Em uma perspectiva mais prática, Gabriel *et al.* (2021) investigam os diálogos possíveis entre psicanálise e educação, propondo que a relação professor-aluno deve ser repensada sob a lente psicanalítica ao abrir espaço aos afetos e às transferências que permeiam o processo de ensinar-aprender. A aproximação entre educação e psicanálise, embora marcada por tensões e diferenças, revela-se profícua quando desloca o olhar para além dos métodos e técnicas de ensino, pois convoca considerar a subjetividade do aluno e a posição simbólica do professor no laço educativo. O processo de aprendizagem não se reduz à transmissão de conteúdos, mas se sustenta na qualidade da relação estabelecida em sala de aula, na qual o professor, mais do que transmissor de saberes, pode ocupar um lugar que desperta o desejo de aprender. Essa perspectiva evidencia que a escuta, o acolhimento e a atenção ao inconsciente e ao desejo dos sujeitos implicados no ato educativo não apenas ressignificam a experiência escolar, mas também permitem repensar o papel do professor diante das dificuldades e impasses que emergem no cotidiano escolar (Gabriel *et al.*, 2021).

No contexto da infância, Pedroza *et al.* (2022) exploram que a capacidade de brincar com palavras como uso simbólico, é mostrar que o brincar, entendido na perspectiva psicanalítica de Freud e Winnicott, não é apenas uma atividade da infância, mas uma experiência criativa constitutiva do humano. Isso reforça a importância da dimensão lúdica na aprendizagem. Esses autores evidenciam que o brincar criativo, longe de ser privilégio da infância, constitui uma experiência essencialmente humana que potencializa vínculos, subjetivação e aprendizagem. Nesse sentido, cabe à escola possibilitar espaços suficientemente bons para que crianças e educadores possam criar, imaginar e brincar, transformando o processo educativo em uma experiência de significação compartilhada.

A análise interdisciplinar sobre o papel da escola na constituição da subjetividade infantil pode ser refletida a partir da Psicanálise e da Sociologia da infância. Santos *et al.* (2022) propõem uma reflexão sobre como o desejo das crianças pode (ou não) encontrar espaço na

escola e como a escuta ativa e a implicação subjetiva do docente são fundamentais na produção de laços sociais significativos. Na conjuntura atual, em que a educação é frequentemente reduzida à lógica da performance e da padronização, a escuta qualificada e o reposicionamento ético do professor se alinham às abordagens que entendem a escola como lugar de produção de subjetividades e contribuem para o fortalecimento de práticas educativas mais sensíveis, inclusivas e comprometidas com a constituição do sujeito (Santos *et al.*, 2022).

A análise de Monteiro e Dias (2021) sobre o mal-estar no educar sinaliza que a crise contemporânea da educação que aponta a fragilidade de metodologias e recursos pedagógicos remete a necessidade de uma de outra escola. Os autores indicam que os impasses atuais não podem ser resolvidos apenas com inovações curriculares ou ajustes administrativos, mas exigem uma transformação na forma como se comprehende a experiência educativa. Na esteira dessa discussão, Növoa (2022) defende que “a escola precisa da coragem da metamorfose, de transformar a sua forma” (p. 15). A proposta de uma escola que aposta em espaços de fala, escuta e afetividade na aprendizagem remete ao reconhecimento de que o processo educativo não é apenas cognitivo, mas atravessado pela subjetividade, pelos vínculos e pela posição que cada sujeito ocupa no laço social.

A complexidade do mal-estar no campo educacional não se limita ao ato de educar, é preciso também considerá-lo na formação do sujeito na escola. Simões *et al.* (2023) oferecem um aporte teórico-prático relevante ao problematizar como o imperativo escolar por disciplina e desempenho molda a experiência subjetiva de alunos, professores e analistas na instituição escolar. A investigação, a partir de discursos escolares, sites de sistemas de ensino e fragmentos de escuta no cotidiano escolar, demonstra que, embora metodologias construtivistas sejam adotadas formalmente, a raiz tradicional da disciplina e do desempenho continua fortemente presente, manifestando-se, sobretudo, na exigência de sucesso, na crença de que o uso correto de apostilas e material didático é condição suficiente para garantir rendimento. Essa análise psicanalítica permite evidenciar que o desempenho não é apenas um marcador quantitativo de sucesso acadêmico, mas um significante carregado de ideologia, que pode provocar um mal-estar subjetivo quando as demandas institucionais ignoram os bloqueios psíquicos, as ansiedades ou as implicações afetivas dos alunos. A proposta do artigo reforça a importância da escuta analítica, do lugar do “não-saber” do analista, como forma de intervir sem responder mecanicamente às demandas da instituição, abrindo espaço para que surjam os impasses e desejos singulares.

Dando continuidade à reflexão sobre o mal-estar, para Santos e Oliveira (2022), é necessário analisar o contexto do sofrimento psíquico em estudantes universitários ao considerar o que as mudanças biológicas, psicológicas e sociais podem acarretar. Nesse intuito, é relevante pensar não apenas nas condições materiais da universidade, faz-se necessário também considerar como se forma o sujeito que estuda, com suas angústias e tensões psíquicas, e como repercutem na aprendizagem, na identidade acadêmica e no vínculo com a instituição. Inserido no campo da psicanálise e educação, refletem sobre intervenções que não promovam somente suporte psicológico, mas também repensem práticas formativas e organizacionais universitárias que acolham o sujeito em sua inteira subjetividade.

O estudo de Maciel *et al.* (2022) amplia o debate ao inserir a dimensão política no entrelaçamento entre psicanálise e educação. Destaca a necessidade de políticas sensíveis à dinâmica subjetiva institucional e para o fato de que as práticas escolares não se reduzem à normativas burocráticas ou a diretrizes pedagógicas universalizantes. A escola é um espaço atravessado por desejos, resistências e conflitos que configuram uma complexa rede de relações simbólicas. Nesse sentido, pensar políticas educacionais sob a lente da psicanálise implica reconhecer que cada instituição abriga singularidades e que sua organização tem implicações do sujeito do inconsciente que estruturam o coletivo escolar.

Ao articular psicanálise, educação e política, o debate sobre o papel da escola como espaço simbólico de elaboração de sentidos pode ser ampliado ao posicionar o professor não apenas como transmissor de conteúdos, mas como sujeito implicado no desejo e na história do outro. A partir de experiências em contextos escolares de países africanos, como Angola e Moçambique, Silva (2020) analisa como os não-ditos históricos e os silêncios institucionais atravessam a constituição subjetiva de estudantes e docentes, reforçando a importância de uma escuta ética que vá além do que é explicitamente enunciado.

Pinto e Silva (2020) introduzem uma perspectiva teórica significativa ao articular, de modo aprofundado, a noção de subjetividade humana com os desafios epistemológicos e pedagógicos contemporâneos, a partir do pensamento complexo de Edgar Morin (2020). Ao problematizar como o conhecimento científico moderno, caracterizado por separações ontológicas entre sujeito e objeto e pela busca de certezas absolutas, tem negligenciado a dimensão subjetiva implicada em todo processo educativo, Pinto e Silva (2020) propõem que não há educação sem sujeito, nem mundo sem subjetividade, e que cada ato pedagógico está atravessado por uma multiplicidade de interações simbólicas, históricas e afetivas.

Os atravessamentos entre educação e psicanálise se dão na medida em que ambas as abordagens contribuem para uma compreensão mais ampla do desenvolvimento infantil, pois se afastam de uma lógica patologizante e causalista que reduz a criança a uma soma de disfunções ou transtornos. A psicanálise é uma importante contribuição para pensar a criança como um sujeito em processo de desenvolvimento, desafiando as explicações simplificadas e individualizantes do fracasso escolar e promovendo uma escuta que valorize a singularidade do processo psíquico (Gabarino *et al.*, 2023). Além disso, destaca-se que a intervenção clínica amplifica a compreensão do conflito, da tolerância à frustração e da importância do contexto social e cultural na formação do sujeito, promovendo uma prática educativa mais ética e sensível às nuances do desenvolvimento infantil. A psicanálise reforça que a educação não deve se limitar à reprodução de modelos padronizados, ao contrário, valoriza a singularidade, os conflitos e as trocas interpessoais no processo de aprendizado e desenvolvimento.

Carneiro *et al.* (2020) destacam que a interface entre psicanálise e educação se sustenta no reconhecimento de que ambas lidam com a palavra, a subjetividade e os efeitos do mal-estar da cultura. Freud (1996) aponta que educar, governar e analisar são ofícios impossíveis, pois seus resultados nunca podem ser totalmente previstos.

Como uma tarefa eminentemente humana, a Educação convive, paradoxalmente, com a impossibilidade de sua realização, visto que nunca alcança a totalidade da sua intenção, sempre não-toda. A tensão estrutural relativa ao enigmático (des)encontro entre o novo e o instituído obriga a Educação a lidar continuamente com o mal-estar (Carneiro *et al.*, 2020, p. 241).

Voltolini (2021), em sua tese sobre a psicanálise e a educação inclusiva, comprehende que a contribuição da psicanálise para a educação ocorre, sobretudo, ao evidenciar os limites inerentes a qualquer saber universalizante. A psicanálise revela as fissuras do discurso pedagógico quando confrontado com sujeitos que escapam à lógica da normalização, pois, “as crianças psicóticas e autistas estão para o discurso inclusivo como a histérica, nos tempos de Freud, estava para o discurso médico. Ambos incitam a borda do saber oficial revelando sua impotência em tudo-saber” (Voltolini, 2021, p. 22). Ao enfatizar a dimensão da singularidade, Voltolini (2021) lembra que “é este tornar-se homem, hominizar-se, que se dará de modo necessariamente acidentado, dependente das relações e suas circunstâncias [...]. Esse caminho acidentado deverá ainda lhe possibilitar a ocorrência das duas outras funções da educação: a socialização e a singularização” (p. 108).

Na esteira da discussão, o diálogo da Educação e Psicanálise na atualidade se destaca devido a atenção dada à correlação entre as causas e as respostas fornecidas para o fracasso escolar de forma generalizada no cotidiano escolar, o que causa preocupação, dada a questão dos diagnósticos e das medicações prescritas aos estudantes. A disseminação dos processos de medicalização revela excesso na busca por laudos e tratamentos terapêuticos e medicamentosos, fundamentando a avaliação integral como explicação para o suposto não aprendizado (Haracemiv *et al.*, 2020). Nesse sentido, a psicanálise tem oferecido importantes contrapontos, como observa Collares e Moysés (2016), ao denunciar que a medicalização da infância e da adolescência transfere para o corpo do aluno a responsabilidade por dificuldades que, muitas vezes, estão enraizadas nas condições sociais e no próprio funcionamento da escola.

De forma convergente, Voltolini (2022) reforça que o olhar psicanalítico permite recolocar o sujeito no centro do debate educacional, pois reconhece que o fracasso não pode ser reduzido a dificuldades de aprendizagem ou problemas biológicos e psicológicos individuais dos alunos, mas convoca pensar e considerar como efeito dos laços sociais e da relação dos sujeitos com o saber. Esse diálogo da psicanálise para educação, especificamente no ensino, possibilita compreender que estamos em frente ao discurso medicalizante que destitui o saber do professor e do aluno, pois torna a escola um centro de diagnósticos. E, sob rótulos de diagnósticos, vemos crianças apassivadas e apagadas como sujeitos. Raramente, laudos e tendências à medicalização levam em conta a singularidade do sujeito e a situação em que se apresenta o problema.

As duas áreas, embora distintas, aproximam e oferecem paradigmas que valorizam a relação interpessoal como mediadora do desenvolvimento humano, rejeitando a visão de uma educação meramente técnica ou padronizada. Ambas enfatizam que o processo educativo deve considerar o sujeito em sua singularidade, emoções e desejos inconscientes ao reconhecer que a relação entre educador e educando é marcada por transferências e implicações afetivas que moldam as possibilidades de aprendizagem e crescimento (Nascimento; Batista, 2023).

Diante desse panorama, a psicanálise não aparece como substituta da pedagogia, mas um interlocutora para possíveis diálogos sobre o processo de ensinar-aprender. Sua ênfase na escuta, no desejo, no não-programado, traz um contraponto fundamental ao processo educativo normatizado, fechado e fragmentado. Ao colocar o sujeito em sua singularidade, atravessado por resistências, transferências e falhas de simbolização, a psicanálise oferece à educação uma ética do cuidado e uma abertura ao inesperado, enriquecendo a compreensão do ensinar e aprender.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado nesse artigo nos permite afirmar que, embora a educação e a psicanálise partem de pressupostos distintos, a primeira, voltada para a transmissão de saberes e a formação social, e a segunda, orientada pela escuta do inconsciente e singularidades do sujeito, ambas encontram um ponto de convergência ao reconhecer que o processo educativo não se reduz a métodos, normas ou resultados padronizados. A psicanálise contribui ao tensionar o discurso pedagógico hegemônico, introduzindo a dimensão da subjetividade, do desejo e do não-saber como constitutivos do ato de ensinar e aprender.

Nesse horizonte, a educação, enriquecida pelo olhar psicanalítico, pode se reinventar como prática mais sensível e humanizadora, que reconhece a diferença, enfrenta o mal-estar e sustenta a singularidade do aluno como elemento fundamental do processo formativo. Essa interlocução revela que não se trata de propor uma pedagogia psicanalítica, mas sustentar uma ética que recoloca o sujeito em sua singularidade no centro da experiência. Ao revisitar Freud e diferentes autores que se debruçaram sobre a psicanálise, a educação e o aprender, assim como os debates contemporâneos no Brasil, constatamos que o impossível de educar, longe de ser sinônimo de fracasso, aponta para os limites constitutivos do ato educativo. As leituras nos permitiram apostar que a educação, no campo da relação de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar, sob a perspectiva da teoria psicanalítica, não pode ser reduzida a técnicas de controle, nem transformar o chão da escola em um cenário de diagnósticos ou de respostas medicalizantes, mas possibilita reconhecer que o encontro com o aluno é sempre atravessado pelo imprevisto, pela resistência e pela potência criativa.

As discussões aqui sistematizadas também demonstram que a escola, quando se abre à escuta e ao acolhimento do sujeito, pode se tornar espaço de criação, simbolização e singularização, favorecendo experiências educativas mais humanizadoras. Tal aposta exige reconhecer que a formação não ocorre apenas pela via de uma educação bancária e aulas de conteúdos, mas também pela construção de laços sociais, pela mediação do desejo e a implicação ética do educador.

Ao longo desse ensaio, constatamos, a partir de diferentes fontes, que educação e psicanálise podem, cada uma a seu modo, oferecer contribuições significativas, desde que sejam respeitados os limites teóricos e metodológicos próprios de cada área. Nesse sentido, a psicanálise se apresenta como uma base consistente para a educação, fornecendo elementos que permitem ampliar a compreensão sobre o sujeito, seus processos de constituição e as complexidades que atravessam as práticas educativas.

A correlação entre Educação e Psicanálise traz implicações éticas e políticas profundas para o campo educativo. Ao introduzir o sujeito do inconsciente no coração das práticas escolares, a psicanálise desafia a escola a reconhecer seus próprios limites e a se deslocar de uma pedagogia normativa para uma pedagogia do encontro. Essa intersecção revela que educar para além de transmitir saberes é sustentar um espaço em que o desejo possa emergir e o sujeito se implicar com o saber. Esse diálogo repercute na formação docente, na escuta das diferenças e na produção de políticas educacionais que ultrapassem a lógica da medicalização e da homogeneização, pois favorece práticas que acolham o mal-estar como parte constitutiva da experiência de aprender. Assim, a psicanálise, ao interrogar o discurso pedagógico, rechaça as respostas prontas e convida a educação/ensino a assumir o inacabamento e a incompletude como vias para a criação, a ética do cuidado e a reinvenção do laço educativo.

4. REFERÊNCIAS

- BATISTA, S. S. S. Educação, psicanálise e sociedade: possibilidades de uma relação crítica. *Educação e Pesquisa*, v. 25, n. 1, p. 107-116, 1999.
- CARNEIRO, C.; VIOLA, D.; DINIZ, M. Psicanálise e educação em tempos de indisfarçada brutalidade. *Tempo Psicanalítico*, v. 52, n. 2, p. 230-242, 2020.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar:** medicalização e psicologização do fracasso escolar. Petrópolis: Vozes, 2016.
- DOLTO, F. **Tudo é linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREUD, A. **Introducción al Psicoanálisis para educadores.** Buenos Aires: Pardos, 1976.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud/v. 23.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GABRIEL, F. A.; PEREIRA, A. L.; JESUZ, D. A. F. Psicanálise e educação: possíveis diálogos. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 16, 2021.
- GARBARINO, M. I. Mercado-ciência e infância: a psicanálise no debate sobre medicalização e ato educativo. *Estilos da clínica*, v. 25, n. 1, p. 135-150, 2020.
- GARBARINO, M. I.; SOUZA, M. T. C. C.; CAETANO, L. M. Piaget e a psicanálise: um diálogo no avesso da patologização da infância. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 73, n. 3, p. 80-96, 2023.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2019.
- HARACEMIV, S. M. C.; CIRINO, R. M. B.; CARON, C. R. Fracasso escolar e medicalização. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 15, n. 5, p. 2855-2868, 2020.
- KLEIN, M. **Contribuições à Psicanálise.** São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- KUPFER, M. C. **Educação para o futuro:** psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2013.
- KUPFER, M. C. **Freud e a educação:** o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1992.

- LACAN, J. **Seminário 17:** o avesso da psicanálise 1996-1970. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LAJONQUIÈRE, L. A palavra e as condições da educação escolar. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 2, p. 455-470, 2013.
- LAJONQUIÈRE, L. **Figuras do Infantil.** A psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: ENGELS, F. et al. **O papel da cultura nas ciências sociais.** Porto Alegre: Editorial Villa Martha LTDA, 1980.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1991.
- MACENO, T. E. **Educação e universalização no capitalismo.** São Paulo: Baraúna, 2011.
- MACIEL, M. R.; SOUSA, T. R.; PEDROZA, R. L. S. Entrelaçamentos entre psicanálise, educação e política: experiências nos espaços escolares. **Revista Subjetividades**, v. 22, n. 2, 2022.
- MANONI, M. **Educação impossível.** São Paulo: Francisco Alves, 1977.
- MONTEIRO, E. A.; DIAS, M. A. M. Do mal-estar ao educar: desdobramentos do diálogo entre psicanálise e educação. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 2, p.368-382, 2021.
- MORIN, E. Ciência e consciência da complexidade. In: MORIN, E.; LE-MOIGNE, J.-L. **A inteligência da complexidade.** São Paulo: Peirópolis, 2000.
- NASCIMENTO, T. C.; BATISTA, D. E. Psicanálise e educação: da educação impossível ao melhor caminho possível. **Estilos da Clínica**, v. 28, n. 2, p. 249-263, 2023.
- NÓVOA, A. **Escolas e professores:** proteger, transformar e realizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.
- PADILHA, M. P. C. S. Educação sexual na escola: entre a psicanálise e a emancipação. **International Integralize Scientific**, v. 5, n. 48, 2025.
- PEDROZA, R. L. S.; SOUSA, T. R.; MACIEL, M. R. Psicanálise e educação: crianças e educadores brincando com palavras. **Psicologia da Educação**, v. 55, n. 2, p. 21-29, 2022.
- PEREIRA, M. R. **A psicanálise escuta a educação 10 anos depois.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- PINTO, P. F.; SILVA, S. P. Conhecimento e educação na modernidade: o debate sobre a subjetividade humana no cenário da teoria da complexidade. **Atos de pesquisa em educação**, v. 15, n. 2, p. 285-307, 2020.
- ROTHER, E. T. Revisión sistemática X Revisión narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, p. 5-6, 2007.
- SANTOS, R. D.; OLIVEIRA, A. R. C. Psicanálise e educação: o mal estar na formação do sujeito na universidade. **Revista Amazônica**, v. 15, n. 2, p. 414-431, 2022.
- SANTOS, S. M.; SANTOS, A. S. P.; ALMEIDA, I. M. M. Z. P. Constituição da subjetividade e o lugar da instituição escolar: desejos, laços e implicação docente na escuta de crianças. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 9, n 12, p. 20-35, 2022.
- SANTOS-FILHO, F. C.; COSSETIN, V. L. F. Psicanálise, educação, subjetividade e ética em tempos neoliberais. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 30, e15545, 2024.

- SAVIANI, D. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 2010.
- SILVA, A. C. B. Em defesa das utopias: enlaçamentos entre educação, política e psicanálise. **Revista Estilos da Clínica**, v 23, n 3, p. 377-393, 2020.
- SIMÕES, M. S.; KYRILLOS-NETO, F.; CALZAVARA, M. G. P. Psicanálise e educação: o que pode o analista na escola em tempos de desempenho? **Tempo psicanalítico**, v. 55, n. 1, p. 275-300, 2023.
- SOUZA, P. C. Prefácio. In: KUPFER, M. C. **Freud e a educação:** o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1992.
- VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2012.
- VOLTOLINI, R. **Crianças fora-de-série:** psicanálise e educação inclusiva. São Paulo: Benjamin Editorial, 2022.
- VOLTOLINI, R. **Crianças fora-de-série:** psicanálise e educação inclusiva. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- VOLTOLINI, R. **Educação e psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.